

Antes do Fim: a Morte como Segundo Ato¹

Marcelo Almeida Duarte²
Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

A ideia da morte ao longo do tempo foi sendo pensada de inúmeras maneiras, em um breve percurso histórico sobre a morte, partindo da Grécia Antiga onde a morte era vista como algo natural e até desejável se o indivíduo era acometido por alguma enfermidade grave ele tinha o direito de ceifar a vida. Na Idade Média a morte mesmo sendo vista como algo natural já não se permitia que se tirasse a vida por conta própria isso se dava em função da sacralização da vida (ARIÉS, 2012). Foucault (2014), demonstra que a Medicina Moderna estabeleceu um novo olhar sobre o corpo, quando o sofrimento e a morte não são mais pensados como uma condição intrínseca a vida. Neste contexto de racionalização da morte, ou seja, quando os rastros oriundos da morte passam a ser objeto de estudos, análise, interrogações e de objetificação, emerge a tecnização dessas afecções por saberes institucionalizados, o que possibilitou um avanço no controle dos processos de morte e causas do sofrimento (SAINT, 2012). Há outro deslocamento que atravessa a morte refere-se ao nosso regime de visibilidade (BRUNO, 2013), eclodindo na emergência de um novo sujeito que se constitui na exterioridade diferentemente do sujeito moderno. A experiência entorno da morte diferentemente da Idade Moderna, que visava uma interioridade, agora se desloca para a exterioridade. Segundo Rodrigues (2006), nosso momento histórico buscou transformar a morte em objeto de saber a enquadrando, localizando e fechando a angústia provocada pela morte dentro de um discurso. Benetti (2012), afirma que a Comunicação por intermédio de suas diversas formas nos lembra cotidianamente da nossa condição de finitude. Segundo Fischer (2002), Comunicação com suas diversas mídias emergem como um dispositivo capaz de apreender e atribuir sentidos a nossa forma de ver determinados aspectos da vida e inclusive da morte, produzindo sujeitos e subjetividades. De modo específico, o

¹Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2022.

²Mestrando do PPGCOM-UFMT na linha de pesquisa Estéticas e Narrativas, email: almeidamarceloduarte@hotmail.com

audiovisual, em razão da centralidade que essa materialidade midiática assume no presente trabalho, captura o estranhamento da morte (FREUD, 1980), atribuindo sentido e valor. A morte passa a ser o escandaloso controlado, o oculto visível na medida certa, a racionalidade sobre o que foge da compreensão. Uma nova interpretação do aspecto existencial da morte (ROSÁRIO; FISCHER, 2007). Para compreendemos como em nosso momento histórico a Comunicação da conta do acontecimento morte e dos afetos decorrentes dela. Iremos nos debruçar sobre um estudo de caso de morte assistida transmitida pelo *YouTube*, onde a morte assistida ocorre em uma das suas variadas subtipologias: o suicídio assistido. Destarte, a ideia da morte será tratada como uma categoria maior e que dentro da mesma existe uma tipologia com diferentes modos de morrer. Dessa forma a nossa opção é observar a morte em sua variante morte assistida e dentro dessa variante a sua subtipologia: o suicídio assistido. A morte assistida seria uma tipologia do morrer, que também seria portadora de subtipologias: a) suicídio assistido seria uma forma de morrer de maneira assistida onde o indivíduo reconhece que a sua existência, tal como está, não merece ser prolongada e deliberadamente faz uso de procedimentos que findem a vida, b) eutanásia voluntária se dá quando indivíduo percebe uma existência a qual considera como inviável e solicita auxílio para finalizar a vida e, c) morte assistida por definhamento existencial consiste no agravamento dos modo de viver do indivíduo acometido por transtornos mentais ou não que o faz considerar a vida como insustentável. Sem a possibilidade atribuir sentidos a existência, o indivíduo solicita auxílio para findar a sua presença corpórea. As variações da morte assistida não são generalizadas, para além disso, a nossa hipótese é que o morrer de forma assistida e suas subtipologias estão intrinsecamente ligados a três posições sobre o viver: a) uma forma de vida insustentável, b) uma forma de vida irreversível e, c) incapacidade de gerar sentidos para o viver. Dessa forma, as subtipologias do morrer de forma assistida, não só se diferenciam entre si, como possibilitam a emergência de diferentes sujeitos, práticas e modos culturais de perceber a morte que não preexistiam ao acontecimento morrer. Essas subtipologias do morrer seriam uma forma de estímulo, uma fagulha ou o fragmento de uma nova realidade. Passamos da descrição do morrer para uma dinâmica onde as emergências, as transformações e as potencialidades emergentes oferecem mais possibilidades de reflexão. Nossa apreensão conceitual da morte é feita, neste estudo, a partir da ideia “acontecimento” o que provoca uma ruptura na continuidade da duração (QUÉRÉ, 2005). É o que possibilita a emergência de novos

questionamentos acerca das relações sociais e das interrogações do indivíduo sobre si. Para tal empreitada, partimos de algumas premissas: a) a perda da dimensão coletiva da morte (SAINT, 2012), essa mudança dá coletividade para uma individualidade dar-se em função de um saber que apreende a morte, b) a impossibilidade de uma generalização possível sobre a prática da morte assistida, ou seja, os sentidos atribuídos a prática não partem de uma essencialidade que tenha relação com a prática ou com os sujeitos, c) as condições históricas necessárias para emergência da morte em suas mais diferentes tipologias enquanto um acontecimento e, d) a institucionalidade nas mídias na produção, circulação e representação das informações, a capacidade de reverberação e engendramento de diferentes acontecimentos (FRANÇA, 2012). Nossa questão atravessadora é como a morte, em especial aquela designada morte assistida tem as suas variações subtipológicas enquadradas pelas mídias e sua segunda vida enquanto acontecimento comunicado? Para buscarmos a resposta para essa questão, iremos executar um estudo de caso, que trata da transmissão de um ato de suicídio assistido por parte do jornal *El País*.³ A opção metodológica é o acontecimento em sua condição hermenêutica, ou seja, sua capacidade de afetação (FRANÇA, 2017). Podendo ser o potencializador para a emergência de questões que atravessam a vida pública, mas são veladas no debate público (FRANÇA, 2011). Contrapondo-se ao modelo estruturalista o acontecimento evita modelos de estruturas que expliquem as relações sociais. O estudo de caso trata-se de um vídeo onde o indivíduo de nome José Antonio Arrabal, decide tomar medicamentos para findar com a própria vida. O vídeo foi transmitido pelo canal do *You Tube* do jornal espanhol *El País*. Arrabal, espanhol, 58 anos, casado, pai de dois filhos, era portado de Esclerose Lateral Miotrófica⁴ (ELA), uma doença neurodegenerativa cuja a causa não é definida. Tal enfermidade leva a perda de capacidades como andar, comer e respirar. Pacientes com essa doença morrem geralmente cinco anos depois do aparecimento dos sintomas. Segundo Nobert Elias (2001), a velhice e a doença em muitos casos são uma antecipação da própria morte. A morte de Arrabal ao ser capturada pela Comunicação passa de um aspecto existencial para ser comunicada pela sua segunda vida, aqui reconhecida como sua dimensão

³ Disponível em Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=O_wgdaUuem4&t=28s> Acesso em 28/03/2022

⁴ Disponível em <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/esclerose-lateral-amiotrofica-ela-1>> Acesso em: 28/03/2022

política. Em sua segunda vida o acontecimento morte assistida faz vê indivíduos que caem para fora do campo da produção, da capacidade e da atividade. O acontecimento morte assistida faz emergir práticas e condutas em relação a morte que não preexistiam e só esperavam uma representação sobre as mesmas. Os modos de compreender a morte e de experienciar o morrer emergem e é nessa relação com o regime de visibilidade (BRUNO, 2013), que os modos de ser e estar diante da morte ganham novos contornos. A morte assistida enquanto acontecimento, tem a sua segunda vida comunicada como um problema público, que merece atenção. A morte de Arrabal é comunicada sobre um enquadramento onde emerge-se valores e sentidos que dão uma nova vida ao acontecimento. Apesar do jornal transmitir a morte de Arrabal, o vídeo não mostra o mesmo tomando os remédios, apenas inclinando-se em um esforço hercúleo para pegar os frascos com os medicamentos. Isso nos aponta para dois pontos, a) a morte usada para fora da sua condição existencial e, b) a morte ainda é tratada como algo que não merece total visibilidade. Existe no vídeo uma pessoa afirmando que vai cometer suicídio assistido e escancara as razões políticas para isso, a materialidade do corpo não existe, temos somente a virtualidade do mesmo, o corpo sem vida não salta aos olhos. Como não é possível capturar a morte enquanto acontecimento existencial, a Comunicação busca atribuir sentidos aos rastros deixados por tal acontecimento dando aos mesmos a condição de objetos. A condição de vida irreversível de Arrabal é o potencializador da morte assistida, o suicídio assistido neste caso faz emergir um sujeito que reconhece um modo de vida a qual não vale a pena viver. Este trabalho se ateve a falar do acontecimento morte assistida em sua subtipologia suicídio assistido e como sua segunda vida dada pela Comunicação assume caráter diferente do existencial. Por fim, pensar a morte como acontecimento é provocar uma fissura no campo das possibilidades, ou seja, indagar diante daquilo que o mundo oferece como possível, se podemos pensar e viver diferentemente.

PALAVRAS-CHAVE: acontecimento; comunicação; morte; mídia.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BENETTI, M. Apropriação discursiva da morte pelo leitor. In: **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. Florianópolis: Insular, v3, 2012 p. 149-168.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- ELIAS, N. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- FISCHER, R. M. B. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v 28, n. 1, p. 151 – 162, jan/jun. 2002.
- FOUCAULT, M. Abram alguns cadáveres. In: **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 136-162
- FRANÇA, S. C. L. V.V. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 71- 87, set/dez 2017.
- FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Galaxia** (São Paulo, **Online**), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.
- FRANÇA, V. **O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático**. Caleidoscópio, Lisboa, v. 10, p. 59-72, 2011.
- FREUD, S. 1980. O estranho. In: **S. FREUD, Obras completas**. Rio de Janeiro, Imago, vol. XVII [1917-1919], p. 275-322.
- QUÉRÉ, L. **Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento**. 2005 *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75 , 2005.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- ROSÁRIO, N. M. do. FISCHER, M. E. Cadáveres eletrônicos e a ressimbolização da morte em seriados televisivos. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. IX, n. 1, p. 45 – 53, jan/abr.
- SAINT CLAIR, Ericson. A tecnização da depressão na imprensa brasileira (anos 90 e 2000) In: **A depressão como atualidade midiática no Brasil contemporâneo: fazendo o arquivo falar (1970-2010)**. (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012, p. 156-220